

CHRISTOPHE DEJOURS: DA PSICOPATOLOGIA À PSICODINÂMICA DO TRABALHO. Selma Lancman & Laerte I. Sznelman (organizadores). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Brasília: Paralelo 15, 2004. 346 pp.

ISBN: 85-7541-044-X

Os leitores de *Cadernos de Saúde Pública* encontrarão nesse livro materiais de alta qualidade sobre as relações entre saúde, trabalho e vida. Somos brindados pelos organizadores e editores com textos importantes de Christophe Dejours (que participou da seleção), em sua maioria só existentes em francês, espalhados em livros e revistas diversas.

O autor, com outros livros publicados no Brasil, é um médico francês, com formação em psicossomática e psicanálise, diretor científico do Laboratório de Psicologia do Trabalho e da Ação no CNAM de Paris. Fundados em suas três décadas de pesquisas e trabalho de campo, os textos nos oferecem as bases para uma visão fértil e dinâmica acerca das relações entre saúde e trabalho, para além do reducionismo médico-biológico.

Esse livro de Psicodinâmica do Trabalho não apenas trata do trabalho em seu negativo – a psicopatologia do desemprego e da modernização capitalista –, mas também, acima de tudo, instrumenta-nos para perceber as possibilidades do trabalho como estruturante psíquico, os possíveis encaminhamentos do sofrimento em direção ao prazer e à saúde.

Foi nessa virada, no final dos anos 1970, que se mostrou a maior originalidade do grupo liderado por Dejours (em 1983, reunidos na Associação pela Abertura do Campo de Investigação em Psicopatologia), herdeiros de uma rica tradição francesa de Psicopatologia do Trabalho (L. Le Guillant & P. Sivadon, entre outros), interessados na restauração da integridade e dignidade do homem no papel de produtor. Contendo uma síntese das enquetes clínicas realizadas por solicitação dos próprios trabalhadores naqueles anos 70, Dejours publicou seu primeiro livro em 1980. Tratava-se de um ensaio (momento inicial de desenvolvimento) intitulado *Trabalho: Desgaste Mental – Um Ensaio de Psicopatologia do Trabalho*, livro publicado no Brasil sete anos depois com um título de apelo comercial: *Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho*¹. Encontrava-se ali a tematização de algumas intuições e pistas de pesquisa em torno do núcleo central de sua “clínica do trabalho”: o conflito entre organização do trabalho e funcionamento psíquico, para além do modelo causalista. Ao contrário de postular o trabalho como fator fundamentalmente enlouquecedor (o que se poderia entender pelo título dado no Brasil), afirma no livro o que as enquetes do grupo haviam detectado: os trabalhadores não se mostravam passivos em face das exigências e pressões organizacionais, e, sim, capazes de se proteger dos efeitos nefastos à saúde mental. Eles sofriam, mas sua liberdade se exercia, mesmo que de forma muito limitada, na construção de *sistemas* defensivos, fundamentalmente coletivos. Esse trabalho clínico levou Dejours a deslocar seu foco investigativo das doenças mentais geradas pelo trabalho para o sofrimento e as defesas contra esse sofrimento. À medida que a maioria dos trabalhadores conseguia conjurar a loucura, apesar da violência da organização do trabalho, a *normalidade* (equilíbrio instável, precá-

rio, entre sofrimento e defesas) é que se configurava como enigma.

Temos, em seguida, a organização de eventos que tiveram papel significativo na emergência da Psicodinâmica. Em 1984, Dejours ajudou a realizar o I Colóquio Nacional de Psicopatologia do Trabalho, ao qual esteve presente um amplo leque de tendências, contando também com sindicalistas. Confirmando o interesse oficial (CNRS) pela ampliação do campo, no ano seguinte Dejours inicia a organização do Seminário Interdisciplinar de Psicopatologia do Trabalho (1986-1987, publicado em 1988). Se no colóquio de 1984 a abordagem de Dejours era uma dentre outras que se apresentaram, no seminário de 1986-1987 sua vertente já assumia o centro do debate com profissionais destacados de outras disciplinas. O tema escolhido foi revelador: “*Sofrimento e Prazer no Trabalho*”². Um total de 12 seminários interdisciplinares, alguns debates motivando uma réplica no seminário seguinte. A partir daí, sua abordagem, ao mesmo tempo, reformulou-se e afirmou-se na comunidade científica, cujos efeitos levaram às mudanças assumidas em 1992, propondo uma nova denominação: “*Psicodinâmica do Trabalho*” (que incorporaria no seu interior as questões da psicopatologia do trabalho). É desse seminário que são oriundos três dos 11 textos que compõem o livro aqui resenhado (capítulos 2, 4 e 5). É verdade que o primeiro deles, sobre metodologia, já fora integrado à segunda edição brasileira do *Loucura do Trabalho*. Com todo respeito, perguntamos: por que republicá-lo? Não houve aprimoramento da tradução. Mantém-se a discutível tradução de “*enquête*” pelo vocábulo mais genérico *pesquisa* (“*recherche*”, em francês), deixando de registrar para o leitor da versão brasileira o rigor diferencial da *forma-enquete* em relação a outras modalidades de investigação, como a da pesquisa-intervenção em Ergonomia (o que se pode acompanhar no debate de 2001 entre F. Daniellou³ e P. Molinier⁴, publicado no número 7 da revista *Travailler*).

No mesmo ano (1990) em que Dejours assumiu a direção do Laboratório de Psicologia do Trabalho do CNAM (Paris), já contávamos, em português, com um artigo, *Itinerário Teórico em Psicopatologia do Trabalho*⁵, no qual, a essa altura, estava “em estado prático” a formulação que será assumida em 1992, decidindo-se pela nova denominação “*Psicodinâmica do Trabalho*”. Vale assinalar que esse texto de transição, assim como dois relatórios de enquete (esclarecedores, particularmente quanto à metodologia) realizada em indústria nuclear (1989 e 1991), está presente na coletânea organizada no Brasil por M. I. Betiol (da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo), no livro *Psicodinâmica do Trabalho*⁶. É curioso que, apesar de seu sucesso desde 1980, ainda em 1993 Dejours decidia não pela publicação de um segundo e tão esperado livro, mas por uma nova edição ampliada daquele primeiro, com notas esclarecedoras em cada capítulo, além de um “*avant-propos*”, agregando uma terceira parte: um “*Addendum* teórico” – Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. É esse texto, decisivo, que nos é oferecido como capítulo 1 do livro ora resenhado, em que o autor apresenta rigorosamente a nova formulação, que seria o “*núcleo de uma psicopatologia do trabalho e da ação, ainda por construir*”⁶ (p. 9).

Após uma década (1970-1980) de grandes descobertas, uma segunda (após o seminário de 1986) re-

velou-se um período de grande produção, de rigor sistemático na formulação da Psicodinâmica do Trabalho. É desse fecundo momento que vem a maior parte dos textos contidos no livro resenhado. Sejam, como dissemos, os capítulos 2, 4 e 5, oriundos do seminário 1986-1988 (escritos de afirmação e transição), sejam os capítulos 3, 6, 7, 8, 9 e 10, dos anos 1992-1995 (escritos de maior consistência e indicações preciosas).

Outro veio da obra de Dejours aqui publicado vem desde sua participação em um seminário sobre o “modelo japonês”, organizado em 1990 por H. Hirata⁷. Ali já tivemos a oportunidade de sair do estado absolutamente incipiente acerca das relações entre subjetividade e trabalho, no que tange à *inteligência da prática*, uma das dimensões desconhecidas do trabalho. Naquele momento, Dejours apresentou as características e condições de mobilização no trabalho de um tipo de inteligência criativa, astuciosa e corporal. No texto agora publicado no capítulo 9, ele avança nessa mesma direção, retornando à *inteligência prática* e explicitando uma segunda dimensão desconhecida do trabalho, a *sabedoria prática*. Uma temática, entre outras muito importantes, que está presente também em outro livro publicado em 1995 (1997 no Brasil), pequeno, sintético e denso, intitulado *O Fator Humano*⁸.

Outros textos do livro registram a intervenção de Dejours no debate acerca da perda de centralidade e significado do trabalho. Temos, por um lado, a tematização do plano linguageiro e comunicacional do trabalho (capítulos 7 e 8), por outro a afirmação do seu caráter sempre enigmático, ressaltando três dimensões essenciais para seu efetramento: a engenhosidade, a cooperação e a mobilização subjetiva (capítulo 3). De sua presença no debate com psicanalistas acerca da “clínica do trabalho”, temos o capítulo 6, texto elaborado para uma exposição no Canadá (um dos países, como o Brasil, em que o autor tem importante audiência), quando defende a tese de que cabe ao trabalho a tarefa de mediação na relação entre psicanálise e política, tendo como horizonte a *conservação e realização de si* no mundo social. Mediador privilegiado entre inconsciente e ordem coletiva, o trabalho é, então, visto como “operador fundamental da própria construção do sujeito, colocado no centro da Psicologia, no mesmo nível que a sexualidade”. Enfim, no capítulo 10, está sistematizada toda essa reflexão em torno da questão do sentido do trabalho.

Após esse período que entendo como o mais fértil e consistente, vemos desenvolver-se uma nova fase, em que Dejours se institui mais solidamente no mundo social, ampliando sua influência. Fruto do Colóquio “Trabalho: Pesquisas e Prospectivas” (1992), ele participa da organização do livro (1995) *La France Malade du Travail*⁹. Em seguida, 1998 (1999 no Brasil), Dejours publicou o polêmico livro *A Banalização da Injustiça Social*¹⁰, defendendo a idéia de que a banalização do mal e da injustiça no sistema neoliberal se sustenta menos na violência que na colaboração e no zelo agregados pela maioria dos trabalhadores às novas formas de organização do trabalho. Esse tipo de proposição tem contribuído tanto para ser aceito por setores até então refratários ou reticentes, quanto para detonar uma nova leva de dissidências no próprio núcleo de formuladores da Psicodinâmica do Trabalho. Se gente da qualidade de D. Cru já havia se distanciado, a partir de então também P. Davezies

vem apresentando duras críticas aos novos encaminhamentos. Em paralelo, no mesmo laboratório dirigido por Dejours, outra corrente clínica do trabalho vem se desenvolvendo desde 1993, liderada por Yves Clot. Esta linhagem autodenominada *Clínica da Atividade* (ou *Clínica do Trabalho e dos Meios de Trabalho*)¹¹ reforça esse movimento crítico. Clot critica em Dejours o que seria uma despotencialização da saúde e valorização da normalidade, assim como considera equivocada a proposição de que o objeto da psicodinâmica do trabalho seria não o trabalho, mas uma psicologia do sujeito – “preocupada com a análise dos processos intersubjetivos mobilizados pelas situações de trabalho”¹² (p. 7). Para Clot são as relações entre atividade e subjetividade que devem estar no centro da análise. O trabalho é visto por ele não apenas como trabalho psíquico, mas como atividade concreta e irredutível, continente oculto da subjetividade no trabalho¹¹.

Um último capítulo (11), exatamente o mais recente, registra seu manejo crescente da Psicanálise, no esforço de verificar as pontes existentes entre os teatros do amor e do trabalho, agora incorporando a seu modo a *questão de gênero*. Dejours havia sido interpelado sobre a ausência dessa questão no seminário de 1986-1987 por D. Kergoat e H. Hirata (materiais publicados no Brasil em 2002)¹³. Tratando-se de tema tão relevante, é lamentável que o artigo em questão seja o mais frágil. Poderíamos nos perguntar em que medida outros textos mais consistentes do mesmo autor não seriam mais úteis. Poderia citar um – *Como Formular uma Problemática de Saúde em Ergonomia e em Medicina do Trabalho* – do mesmo período, texto de impacto na França, apresentado em 1993 no Congresso da Sociedade de Ergonomia de Língua Francesa e publicado, em 1995, na revista *Le Travail Humain*¹⁴. Se fosse o caso de produção de algo mais recente, poder-se-ia ter optado por sua crítica aos fundamentos da avaliação, apresentada em conferência no INRA¹⁵.

Por fim, em atenção aos possíveis interesses dos leitores, registro a vertente de textos do mesmo autor sobre psicossomática e corpo. Dos anos 80, já foram publicados no Brasil: *O Corpo entre a Biologia e a Psicanálise*¹⁶ e *Repressão e Subversão em Psicossomática: Pesquisas Psicanalíticas sobre o Corpo*¹⁷; esperando publicação, um livro mais recente: *Le Corps, d'Abord*¹⁸.

Certo de que os leitores de *Cadernos de Saúde Pública* encontrarão na leitura desse novo livro importantes ferramentas, sugerimos também uma boa viagem pelo conjunto da obra de Christophe Dejours!

Milton Athayde
Programa de Pós-graduação em Psicologia Social,
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
miltonathayde@uol.com.br

1. Dejours C. Loucura do trabalho. São Paulo: Oboaré; 1987.
2. Dejours C. Plaisir et souffrance dans le travail. Paris: Edition de l'AOCIP; 1998.
3. Daniellou F. L'action en psychodynamique du travail: interrogations d'un ergonome. Travailler 2001; 7:119-30.
4. Molinier P. Souffrance et théorie de l'action. Travailler 2001; 7:131-46.
5. Dejours C, Abdoucheli E. Itinerário teórico em

- psicopatologia do trabalho. In: Dejours C, Abdoucheli E, Jayet C, organizadores. *Psicodinâmica do trabalho*. São Paulo: Atlas; p. 119-45.
6. Dejours C. Travail, usure mentale. De la psychopathologie à la psychodynamique du travail. Paris: Bayard; 1993.
 7. Dejours C. Inteligência operária e organização do trabalho: a propósito do modelo japonês de produção. In: Hirata H, organizador. *Sobre o "modelo" japonês*. São Paulo: Edusp; 1993. p. 281-309.
 8. Dejours C. O fator humano. Rio de Janeiro: Editora da FGV; 1997.
 9. De Bandt J, Dejours C, Dubar C. *La France malade du travail*. Paris: Bayard; 1995.
 10. Dejours C. A banalização da injustiça social. Rio de Janeiro: Editora da FGV; 1999.
 11. Clot Y. Clinique du travail, clinique du réel. *Le Journal des Psychologues* 2001; 185:48-51.
 12. Dejours C. Introduction: psychodynamique du travail. *Revue Internationale de Psychosociologie* 1996; 5:5-12.
 13. Hirata H. Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo; 2002.
 14. Dejours C. Comment formuler une problématique de la santé en ergonomie et en médecine du travail? *Le Travail Humain* 1995; 58:1-16.
 15. Dejours C. L'évaluation du travail à l'épreuve du réel. *Critique des fondements de l'évaluation*. Paris: INRA; 2003.
 16. Dejours C. O corpo entre a biologia e a psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas; 1988.
 17. Dejours C. Repressão e subversão em psicossomática. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1991.
 18. Dejours C. *Le corps, d'abord*. Paris: Payot & Rivages; 2001.